

LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder às questões de **01** a **06**.

O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo.

O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos.

A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, shahmat – shah para rei, mat para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado checkmate (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: era um homem modesto, disse ao xá. Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro dessa quantia no segundo, o dobro *dessa quantia* no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante.

Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável.

O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16,

32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64º quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 quintilhões*. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial *no presente*. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*, não temos o privilégio de saber.

* 1 quintilhão = 1 000 000 000 000 000 000 = 10^{18} . Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

(Carl Sagan. *Bilhões e bilhões*, 2008. Adaptado.)

1

Por ser um artigo de divulgação científica, o texto apresenta uma linguagem

- a) técnica e impessoal.
- b) hermética e mal-humorada.
- c) acessível e divertida.
- d) rebuscada e pretensiosa.
- e) inteligível e pedante.

Resolução

O enunciado está mal formulado, porque a preposição *por*, que o inicia, refere-se à causa de o texto ser um artigo de divulgação científica. O que se espera desse gênero textual é que a linguagem seja técnica e impessoal, mas pelo contrário, ela é “acessível e divertida”, segundo o gabarito oficial. Por isso, o enunciado deveria ter-se iniciado com uma concessiva: “embora seja um artigo de divulgação científica...” Isso pode ter induzido o candidato a erro.

Resposta: **C**

2

No artigo, o recurso à ironia está bem exemplificado em:

- a) “O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós.” (4º parágrafo)
- b) “Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo?” (4º parágrafo)
- c) “Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu.” (1º parágrafo)
- d) “Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga.” (1º parágrafo)
- e) “Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.” (3º parágrafo)

Resolução

O trecho tem teor irônico, pois, obviamente, tal quantidade de grãos não seria para consumo pessoal.

Resposta: E

3

O trecho “era um homem modesto, disse ao xá” (2º parágrafo) foi construído em discurso indireto. Ao se adaptar tal trecho para o discurso direto, o verbo “era” assume a seguinte forma:

- a) serei.
- b) fui.
- c) seria.
- d) fosse.
- e) sou.

Resolução

O verbo conjugado no imperfeito do indicativo *era*, passa para o presente do indicativo *sou*, na transposição do discurso indireto para o direto, pois desse modo se mantém o aspecto durativo.

Resposta: E

Assinale a alternativa cujo excerto se afasta da lógica exposta pela fábula do tabuleiro de xadrez persa.

- a) “No presente, o tempo de duplicação da população mundial é de cerca de quarenta anos. A cada quarenta anos haverá o dobro de seres humanos. Como o clérigo inglês Thomas Malthus apontou em 1798, uma população que cresce exponencialmente – Malthus a descreveu como uma progressão geométrica – vai superar qualquer aumento concebível de alimentos.”
- b) “No momento, em muitos países o número de pessoas com sintomas de aids está crescendo exponencialmente. O tempo de duplicação é mais ou menos de um ano. Isto é, a cada ano há duas vezes mais casos de aids do que havia no ano anterior. Essa doença já nos cobrou um tributo desastroso em mortes.”
- c) “Vamos considerar primeiro o simples caso de uma bactéria que se reproduz dividindo-se em duas. Depois de certo tempo, cada uma das duas bactérias filhas também se divide. Desde que exista bastante alimento e não haja nenhum veneno no ambiente, a colônia de bactérias vai crescer exponencialmente.”
- d) “A população da Terra na época de Jesus consistia talvez em 250 milhões de pessoas. Existem 93 milhões de milhas (150 milhões de quilômetros) da Terra até o Sol. Aproximadamente 40 milhões de pessoas foram mortas na Primeira Guerra Mundial; 60 milhões na Segunda Guerra Mundial. Há 31,7 milhões de segundos num ano (como é bastante fácil verificar).”
- e) “Atualmente, há cerca de 6 bilhões de humanos. Em quarenta anos, se o tempo de duplicação continuar constante, haverá 12 bilhões; em oitenta anos, 24 bilhões; em cento e vinte anos, 48 bilhões... Mas poucos acreditam que a Terra possa suportar tanta gente.”

Resolução

A única alternativa em que não há ideia de função exponencial ou progressão geométrica é a d.

Resposta: D

O eufemismo (do grego *euphemismós*, que significava “emprego de uma palavra favorável no lugar de uma de mau augúrio”, vocábulo formado de *eu*, “bem” + *femi*, “dizer, falar”, designando, pois, “o ato de falar de uma maneira agradável”) é a figura de retórica em que há uma diminuição da intensidade semântica, com a utilização de uma expressão atenuada para dizer alguma coisa desagradável.

(José Luiz Fiorin. *Figuras de retórica*, 2014. Adaptado.)

Verifica-se a ocorrência desse recurso no seguinte trecho:

- a) “se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado vizirmat” (4º parágrafo).
- b) “O número de grãos começa bem pequeno” (3º parágrafo).
- c) “pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado” (2º parágrafo).
- d) “De qualquer forma, aconteceu há muito tempo” (1º parágrafo).
- e) “admirando-se secretamente da humildade e comediamento de seu conselheiro” (2º parágrafo).

Resolução

O eufemismo ocorre na frase indicada na alternativa *a*, pois fica implícita a ideia da morte do grão-vizir na palavra “vizirmat”, construída por aglutinação de “vizir” (grão-vizir) e “mat” (morto), mesmo processo de formação de “shakhmat”: “shakh” (rei) e “mat” (morte).

Resposta: **A**

Considerado em seu contexto, o trecho “A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado ‘Morte ao rei’ é um mistério.” (2o parágrafo) sugere que

- a) o caráter misterioso das regras do xadrez decorre de sua ligação com a esfera política.
- b) a satisfação do rei com um jogo que visa sua morte é algo difícil de ser explicado.
- c) a alusão à morte presente no nome do jogo não foi compreendida pelo rei.
- d) as origens do jogo de xadrez ainda precisam ser esclarecidas.
- e) o próprio rei parecia desconhecer o funcionamento do jogo de xadrez.

Resolução

É paradoxal a ideia de que um rei fique extasiado com um jogo que tem como objetivo a morte do rei.

Resposta: **B**

Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder às questões de 07 a 09.

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,

começa de servir outros sete anos,
dizendo: “Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida”.

(Luís Vaz de Camões. *Sonetos*, 2001.)

7

De acordo com a história narrada pelo soneto,

- a) Labão engana Jacob, entregando-lhe a filha Lia, em vez de Raquel.
- b) Labão aceita ceder Lia a Jacob, se este lhe entregar Raquel.
- c) Labão obriga Jacob a trabalhar mais sete anos para obter o amor de Lia.
- d) Jacob descumpe o acordo feito com Labão, negando-lhe a filha Raquel.
- e) Jacob morre antes de completar os sete anos de trabalho, não obtendo o amor de Raquel.

Resolução

Os dois versos finais da segunda estrofe evidenciam o logro, que foi aplicado ao gênero. Labão, tanto nesse poema como no texto bíblico em que esses versos se baseiam, usa de ardil e entrega Lia, sua filha primogênita, a Jacob, que, enganado, consuma o casamento.

Resposta: **A**

Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- a) “mas não servia ao pai, servia a ela,”
- b) “passava, contentando-se com vê-la,”
- c) “para tão longo amor tão curta a vida.”
- d) “porém o pai, usando de cautela,”
- e) “lhe fora assi negada a sua pastora,”

Resolução

Há antítese que pode ser observada na oposição entre as palavras “longo” e “curta”, enfatizando-se, respectivamente, a persistência do amor do eu lírico por sua amada Raquel e a brevidade da vida.

Resposta: **C**

Do ponto de vista formal, o tipo de verso e o esquema de rimas que caracterizam este soneto camoniano são, respectivamente,

- a) dodecassílabo e ABAB ABAB ABC ABC.
- b) decassílabo e ABAB ABAB CDC DCD.
- c) heptassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
- d) decassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
- e) dodecassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.

Resolução

Os versos são decassílabos, conforme se confirma na escansão:

Se | tea | nos | de | pas | tor | ja | cob | ser | vi | (a)
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

La | bão, | pai | de | Ra | quel | se | rra | na | be | (la)
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Trata-se da “medida nova”, que é característica da poesia clássica de Camões.

A disposição de rima é interpolada nos quartetos (ABBA, ABBA) e intercalada nos tercetos (CDE, CDE).

Resposta: **D**

Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697) para responder às questões de **10 a 15**.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos.

[...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comeres, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comeres é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos.

São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

No sermão, Vieira critica

- a) a preguiça desmesurada dos miseráveis.
- b) a falta de ambição dos miseráveis.
- c) a ganância excessiva dos poderosos.
- d) o excesso de humildade dos miseráveis.
- e) o excesso de vaidade dos poderosos.

Resolução

Padre Antônio Vieira critica “a ganância excessiva dos poderosos”. Essa crítica pode ser notada nesta passagem, entre outras: “Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, pouco a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros”.

Resposta: **C**

Condizente com o teor do sermão está o conteúdo do seguinte provérbio:

- a) “A tolerância é a virtude do fraco.”
- b) “O homem é o lobo do homem.”
- c) “Ao homem ousado, a fortuna lhe dá a mão.”
- d) “A fome é a companheira do homem ocioso.”
- e) “Quem tem ofício, não morre de fome.”

Resolução

Esse provérbio resume o teor desse excerto do “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”. Uma das passagens em que se nota o sentido desse aforismo é, entre outras: “... os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram.”

Resposta: **B**

12

O primeiro parágrafo permite identificar o lugar em que o pregador profere seu sermão, a saber,

- a) o mar. b) o sertão. c) a floresta.
d) a aldeia. e) a cidade.

Resolução

Padre Antônio Vieira proferiu esse sermão na cidade de São Luís do Maranhão. O lugar em que esse sermão é dito aparece na passagem: “Para cá, para cá, para a cidade é que haveis de olhar”. O advérbio “cá” indica o local em que se encontra o pregador.

Resposta: **E**

13

Em “Cuidais que só os tapuias se *comem* uns aos outros, muito maior *açougue* é o de cá, muito mais se *comem* os brancos.” (1º parágrafo), os termos em destaque foram empregados, respectivamente, em sentido

- a) literal, figurado e figurado.
b) figurado, figurado e literal.
c) literal, literal e figurado.
d) figurado, literal e figurado.
e) literal, figurado e literal.

Resolução

Havia entre algumas tribos indígenas brasileiras o hábito de comer a carne dos inimigos: antropofagia. Portanto, o sentido é literal. “Açougue” foi empregado em sentido figurado, referindo-se à matança generalizada promovida pelos “brancos”, que “mais se *comem*”, ou seja, mais se destroem.

Resposta: **A**

14

“Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.”
(1º parágrafo)

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

Resolução

Em ambos os casos, *para* introduz uma oração subordinada adverbial que indica o objetivo, a finalidade, da oração anterior.

Resposta: **D**

15

“Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe” (2º parágrafo)

Reescrito em ordem direta, tal trecho assume a seguinte forma:

- a) Deus diz que os homens, senão declaradamente a sua plebe, comem não só o seu povo.
- b) Diz Deus que os homens comem não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe.
- c) Deus diz que os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente.
- d) Os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente, diz Deus.
- e) Os homens comem não só o seu povo, diz Deus, senão declaradamente a sua plebe.

Resolução

Colocando-se o período em ordem direta, deve-se iniciar pelo sujeito “Deus”, depois a forma verbal “diz” e seu complemento verbal, que é a oração substantiva objetiva direta “que os homens comem”. Em seguida, aparecem coordenados entre si os objetos diretos do verbo *comer*: “não só o seu povo, senão a sua plebe”.

Resposta: **C**

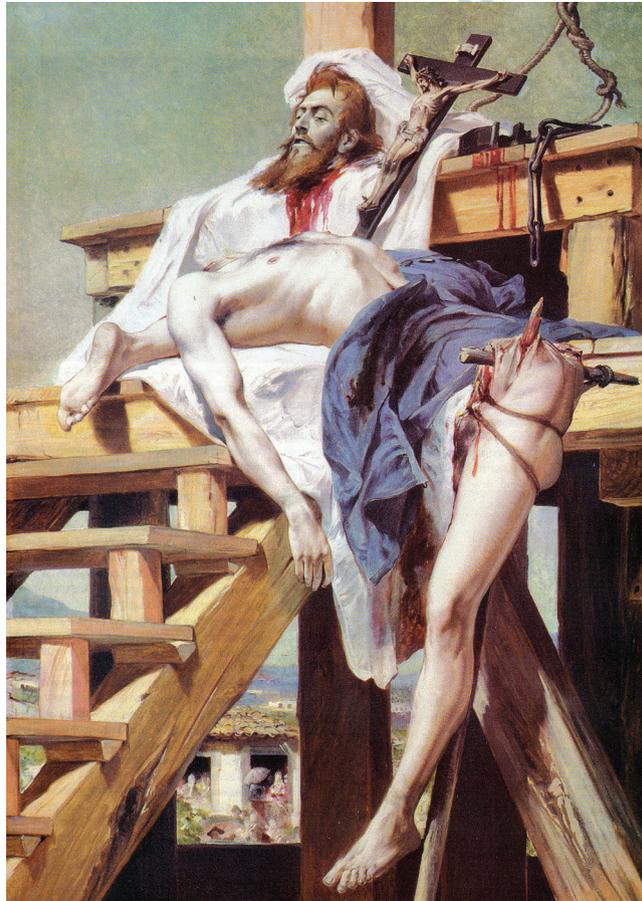
Assinale a alternativa na qual se pode detectar nos versos do poeta português Manuel Maria de Barbosa du Bocage (1765-1805) uma ruptura com a convenção arcádica do *locus amoenus* (“lugar aprazível”).

- a) “Olha, Marília, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes!
Olha o Tejo a sorrir-se! Olha, não sentes
Os Zéfiros brincar por entre flores?”
- b) “O ledo passarinho que gorjeia
Da alma exprimindo a cândida ternura,
O rio transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpenteia:”
- c) “Se é doce no recente, ameno Estio
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,
E, lambendo as areias e os verdores,
Mole e queixoso deslizar-se o rio;”
- d) “A loira Fílis na estação das flores,
Comigo passeou por este prado
Mil vezes; por sinal, trazia ao lado
As Graças, os Prazeres e os Amores.”
- e) “Já sobre o coche de ébano estrelado,
Deu meio giro a Noite escura e feia;
Que profundo silêncio me rodeia
Neste deserto bosque, à luz vedado!”

Resolução

Nesses versos, nota-se o *locus horrendus*, isto é, um ambiente lúgubre, escuro, que se relaciona com a destruição, a morte do eu lírico. A convenção arcádica do *locus amoenus* (“lugar aprazível”) não aparece nesses versos, antecipadores do passionalismo romântico.

Resposta: E



(Pedro Américo. *Tiradentes esquartejado*, 1893.
Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora.)

A conhecida pintura de Pedro Américo (1840-1905) remete a um fato histórico relacionado à seguinte escola literária brasileira:

- a) Barroco.
- b) Arcadismo.
- c) Naturalismo.
- d) Realismo.
- e) Romantismo.

Resolução

O Arcadismo ou Neoclassicismo brasileiro (1768-1836) transcorreu no contexto do final do período colonial, em que houve a Conjuração Mineira, reprimida fortemente pela metrópole portuguesa. Tiradentes foi o mártir desse movimento, sendo enforcado em 1792.

Resposta: **B**

As questões 18 e 19 focalizam uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de

Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. “Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a V. Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher”.

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

(Martins Pena. *Comédias* (1833-1844), 2007.)

18

O efeito cômico produzido pela leitura do requerimento decorre, principalmente, do seguinte fenômeno ou procedimento linguístico:

- a) paródia.
- b) intertextualidade.
- c) ambiguidade.
- d) paráfrase.
- e) sinonímia.

Resolução

A expressão “égua de minha mulher” apresenta duplo sentido, pois tanto pode referir-se ao animal quanto à esposa do referente.

Resposta: C

O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- a) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- b) recorre a jargão próprio da área jurídica.
- c) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- d) é desacreditado pelo próprio escrivão.
- e) deve ser interpretado em chave irônica.

Resolução

No discurso do escrivão, o emprego das aspas indica o discurso alheio, ou seja, o discurso direto do requerente Francisco Antônio.

Resposta: **A**

O que primeiro chama a atenção do crítico na ficção deste escritor é a despreocupação com as modas dominantes e o aparente arcaísmo da técnica. Num momento em que Gustave Flaubert sistematizara a teoria do “romance que narra a si próprio”, apagando o narrador atrás da objetividade da narrativa; num momento em que Émile Zola preconizava o inventário maciço da realidade, observada nos menores detalhes, ele cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário, intervindo na narrativa com bisbilhotice saborosa.

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.

(Antonio Candido. *Vários escritos*, 2004. Adaptado.)

O comentário do crítico Antonio Candido refere-se ao escritor

- a) Machado de Assis.
- b) José de Alencar.
- c) Manuel Antônio de Almeida.
- d) Aluísio Azevedo.
- e) Euclides da Cunha.

Resolução

O texto crítico evidencia a modernidade estilística de Machado de Assis, que, segundo Antonio Candido, “cultivou livremente o elíptico, o incompleto, o fragmentário”. Machado de Assis rompe com o padrão narrativo do Realismo típico ao enveredar por um caminho original, em que evidencia a oposição sutil entre aparência e essência. Ele não fez simplesmente um “inventário maciço da realidade”, como os demais escritores mencionados.

Resposta: **A**



(Bill Watterson. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin & Haroldo*, 2007. Adaptado.)

Assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, as lacunas da tira.

- a) Por que – à – a – porquê b) Porquê – a – a – por que
 c) Por que – à – à – porque d) Por quê – à – à – porque
 e) Por quê – a – a – porque

Resolução

Na primeira lacuna, usa-se *por quê*, grafado separadamente por tratar-se de oração interrogativa. É acentuado, pois próximo à pontuação torna-se tônico. Na segunda lacuna, o verbo *resistir* rege a preposição *a* e o substantivo *ideia* admite artigo *a*, portanto essa fusão recebe acento grave. Na terceira lacuna, o verbo *doar* rege a preposição *a* e o substantivo *arte* admite artigo, ocorre, portanto, crase. A conjunção *porque* estabelece relação de causa com a oração anterior.

Resposta: **D**

O Simbolismo é, antes de tudo, antipositivista, antinaturalista e anticientificista. Com esse movimento, nota-se o despontar de uma poesia nova, que ressuscitava o culto do vago em substituição ao culto da forma e do descritivo.

(Massaud Moisés. *A literatura portuguesa*, 1994. Adaptado.)

Considerando esta breve caracterização, assinale a alternativa em que se verifica o trecho de um poema simbolista.

- a) “É um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma oferenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda.”
- b) “Erguido em negro mármore luzidio,
Portas fechadas, num mistério enorme,
Numa terra de reis, mudo e sombrio,
Sono de lendas um palácio dorme.”
- c) “Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.”
- d) “Sobre um trono de mármore sombrio,
Num templo escuro e ermo e abandonado,
Triste como o silêncio e inda mais frio,
Um ídolo de gesso está sentado.”
- e) “Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luares, de neves, de neblinas!...
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulo das aras...”

Resolução

Nesses versos que iniciam o poema “Antífona”, de Cruz e Sousa, há a linguagem sugestiva, vaga, o elemento místico (“Incensos dos turíbulo das aras...”), e a maiúscula alegorizante, buscando-se, assim, atingir o metafísico e o transcendente. É uma linguagem que se opõe à precisão do período realista.

Resposta: E

O mundo dessa pintura, como o dos sonhos, é ao mesmo tempo familiar e desconhecido: familiar, em razão do estilo minuciosamente realista, que permite ao espectador o reconhecimento de uma figura ou de um objeto pintados; desconhecido, por causa da estranheza dos contextos em que eles aparecem, como num sonho.

(Fiona Bradley. *Surrealismo*, 2001. Adaptado.)

O comentário da historiadora de arte aplica-se à pintura reproduzida em:

a)



b)



c)



d)



e)



Resolução

O Surrealismo explora o imaginário, o mundo onírico e as camadas do inconsciente, reproduzindo uma livre associação entre o mundo real e o irreal, aproximando-se do fantástico. No quadro *Le Blanc-Seing*, de René Magritte, verifica-se a intersecção entre a paisagem e o cavalo e a dama, numa sobreposição em que a imagem aparece e desaparece como se reproduzisse a passagem do animal através das árvores, causando um estranhamento tipicamente surrealista.

Resposta: C

24

Uma análise mais atenta do livro mostra que ele foi construído a partir da combinação de uma infinidade de textos preexistentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, europeia ou brasileira. A originalidade estrutural deriva, deste modo, do fato de o livro não se basear na mimesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários, a sistemas fechados de sinais, já regidos por significação autônoma. Esse processo, parasitário na aparência, é no entanto curiosamente inventivo; pois, em vez de recortar com neutralidade nos entrecos originais as partes de que necessita para reagrupá-las, intactas, numa ordem nova, atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade.

(Gilda de Mello e Souza. *O tupi e o alaúde*, 1979. Adaptado.)

Tal comentário aplica-se ao livro

- a) *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós.
- b) *Macunaíma*, de Mário de Andrade.
- c) *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.
- d) *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.
- e) *Iracema*, de José de Alencar.

Resolução

Macunaíma, de Mário de Andrade, é uma rapsódia em que há mistura de estilos, elementos lendários, textos tradicionais reelaborados, configurando a originalidade do livro, a releitura de mitos e a ruptura com a verossimilhança, evidenciando, assim, a liberdade criativa do autor, o qual “atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade”.

Resposta: B

Leia o excerto da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor* em 1962, para responder às questões de 25 a 30.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora¹. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho² do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traír sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irreduzíveis, mas revolta irreduzível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vinga. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina — porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais — vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu — que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for

precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

1 facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

2 Mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acusado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

25

O tom predominante no texto é de

- a) resignação. b) ironia. c) melancolia.
d) indignação. e) luto.

Resolução

Ao longo da crônica há um processo de reflexão e identificação da narradora com Mineirinho, o que desperta nela a indignação pela morte violenta do criminoso.

Resposta: **D**

Depreende-se da leitura do primeiro parágrafo que

- a) a cronista compartilha com sua cozinheira a dificuldade de conciliar sentimentos contrários em relação à morte de um criminoso.
- b) a cozinheira se sente incomodada com a pergunta da cronista porque acredita piamente na inocência de Mineirinho.
- c) a cronista se sente desconfortável com o fato de sua cozinheira mostrar-se dividida em relação à morte de um criminoso.
- d) a cronista provoca gratuitamente sua cozinheira com a intenção de impor seu ponto de vista sobre a morte de Mineirinho.
- e) a cronista se mostra perplexa diante da opinião de sua cozinheira de que um criminoso iria para o céu.

Resolução

A dificuldade da cronista e da cozinheira em conciliar a ideia de morte do criminoso com a compaixão que sentem por ele fica evidente na passagem:

“Fatos irredutíveis, mais revolta irredutível também, a violenta *compaixão* da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais, e no entanto *nós o queríamos vivo.*”

Resposta: **A**

Em “Perguntei **a** minha cozinheira o que pensava sobre o assunto” (1.º parágrafo), o termo em destaque constitui

- a) um pronome.
- b) uma conjunção.
- c) um advérbio.
- d) um artigo.
- e) uma preposição.

Resolução

O termo “**a**” funciona morfologicamente como preposição, porque liga o verbo transitivo indireto ao seu objeto indireto: “minha cozinheira”.

Resposta: **E**

28

A gradação presente no terceiro parágrafo tem a função de

- a) justificar a necessidade da violência policial.
- b) ressaltar a desproporção da ação policial.
- c) enfatizar a legitimidade da justiça humana.
- d) realçar o caráter vingativo da justiça divina.
- e) ironizar o mandamento “Não matarás”.

Resolução

A gradação presente na reação da narradora a cada tiro ouvido intensifica a desproporção da violência empregada para deter Mineirinho, que recebeu ao todo treze tiros.

Resposta: **B**

29

“O décimo terceiro tiro me assassina — **porque eu sou o outro.**” (3.º parágrafo)

Em relação à oração que a precede, a oração destacada tem sentido de

- a) consequência.
- b) conclusão.
- c) alternância.
- d) causa.
- e) finalidade.

Resolução

A oração iniciada pela conjunção subordinativa *porque* tem valor causal em relação à principal.

Resposta: **D**

“Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que **a esse** não **nos** matem.” (4.º parágrafo)

Os termos “a esse” e “nos” constituem, respectivamente,

- a) objeto indireto e objeto direto.
- b) objeto indireto e objeto indireto.
- c) objeto direto preposicionado e objeto direto.
- d) objeto direto preposicionado e objeto indireto.
- e) objeto direto e objeto indireto.

Resolução

A expressão preposicionada “a esse” refere-se “ao homem acuado”, funcionando como **objeto direto preposicionado do verbo *matar*: não matem ao homem acuado. O pronome oblíquo *nos* funciona como objeto direto, e também completa o sentido do verbo *matar*, porque a narradora se identifica com o bandido Mineirinho e o pronome *nos* refere-se a ambos: narradora e personagem.**

Resposta: **C**

Leia o texto para responder às questões 31 e 32.



“They don’t see us as a powerful economic force, which is an incredible ignorance.” – Salma Hayek, actor, denouncing sexism in Hollywood at the Cannes Film Festival; until recently, she added, studio heads believed women were interested only in seeing romantic comedies.

(Time, 01.06.2015.)

31

O termo “they” refere-se a

- a) powerful economic force.
- b) sexism in Hollywood studios.
- c) Hollywood studio heads.
- d) women.
- e) Cannes Film Festival organizers.

Resolução

O termo “they” refere-se aos chefes dos estúdios de Hollywood.

Resposta: C

Based on the information the text presents, one can say that

- a) both Hollywood and Cannes are important economic forces that promote romantic comedies.
- b) Salma Hayek believes Cannes Film Festival organizers are ignorant because they have a biased image of women.
- c) failing to recognize women as an economic force is a sexist behaviour.
- d) Cannes Film Festival used to portray women in romantic comedies.
- e) most women in the United States would disagree with Salma Hayek.

Resolução

Baseado na informação do texto, pode-se dizer que deixar de reconhecer as mulheres como uma força econômica é um comportamento sexista.

Resposta: **C**

Leia o texto para responder às questões de 33 a 37.

Nobel winner Malala opens school for Syrian refugees

Sylvia Westall

July 13, 2015

Bekaa Valley, Lebanon



Nobel Peace Prize laureate Malala Yousafzai gestures inside a classroom at a school for Syrian refugee girls, July 12, 2015. (Reuters/Jamal Saidi)

Malala Yousafzai, the youngest winner of the Nobel Peace Prize, celebrated her 18th birthday in Lebanon on Sunday by opening a school for Syrian refugee girls and called on world leaders to invest in “books not bullets”. Malala became a symbol of defiance after she was shot on a school bus in Pakistan in 2012 by the Taliban for advocating girls’ rights to education. She continued campaigning and won the Nobel in 2014.

“I decided to be in Lebanon because I believe that the voices of the Syrian refugees need to be heard and they have been ignored for so long,” Malala told Reuters in a schoolroom decorated with drawings of butterflies. The Malala Fund, a non-profit organization that supports local education projects, provided most of the funding for the school, set up by Lebanon’s Kayany Foundation in the Bekaa Valley, close to the Syrian border. The Kayany Foundation, established by Syrian Nora Joumblatt in response to Syria’s refugee crisis, has already completed three other new schools to give free education to Syrian children in Lebanon. The Malala school can welcome up to 200 girls aged 14 to 18.

“Today on my first day as an adult, on behalf of the world’s children, I demand of leaders we must invest in books instead of bullets,” Malala said in a speech. Lebanon is home to at least 1.2 million of the 4 million refugees that have fled Syria’s war to neighboring countries. There are about 500,000 Syrian school-age children in Lebanon, but only a fifth are in formal

education. “We are in danger of losing generations of young Syrian girls due to the lack of education,” Joumblatt said in a speech at the opening of the school. “Desperate and displaced Syrians are increasingly seeing early marriage as a way to secure the social and financial future of their daughters. We need to provide an alternative: Keep young girls in school instead of being pressured into wedlock.”

Lebanon, which allows informal settlements on land rented by refugees, says it can no longer cope with the influx from Syria’s four-year conflict. More than one in four people living in Lebanon is a refugee. The United Nations says the number of Syrian refugees in neighboring countries is expected to reach 4.27 million by the end of the year. “In Lebanon as well as in Jordan, an increasing number of refugees are being turned back at the border,” Malala said. “This is inhuman and this is shameful.”

Her father Ziauddin said he was proud she was carrying on her activism into adulthood. “This is the mission we have taken for the last 8-9 years. A small moment for the education of girls in Swat Valley: it is spreading now all over the world,” he said.

(www.reuters.com. Adaptado.)

33

According to the text, Malala Yousafzai was shot because she

- a) defends girls’ rights to education.
- b) was campaigning in a school bus.
- c) is a Nobel Peace Prize laureate.
- d) rejected Taliban books.
- e) left Pakistan and went to Lebanon.

Resolução

De acordo com o texto, Malala Yousafzai foi baleada porque defende os direitos à educação das garotas.

Lê-se no texto:

“Malala became a symbol of defiance after she was shot on a school bus in Pakistan in 2012 by the Taliban for advocating girls’ rights to education.”

Resposta: A

On her 18th birthday, Malala

- a) decided to live in Lebanon to help refugees establish schools.
- b) talked to 200 welcoming girls aged 14 to 18.
- c) celebrated in a school drawing butterflies with other girls.
- d) visited three schools for refugees in Syria.
- e) urged world leaders to invest in education and not in weapons.

Resolução

No seu 18º aniversário, Malala incitou os líderes mundiais a investirem em educação e não em armas.

No texto:

“...celebrated her 18th birthday in Lebanon on Sunday by opening a school for Syrian refugee girls and called on world leaders to invest in “books not bullets”.”

Resposta: E

Analise o trecho do terceiro parágrafo “I demand of leaders we must invest in books instead of bullets”, para responder às questões 35 e 36.

A expressão “instead of” indica uma ideia de

- a) simultaneidade.
- b) paralelismo.
- c) comparação.
- d) substituição.
- e) ênfase.

Resolução

* Instead of = em vez de

Resposta: D

36

O termo “must” pode ser substituído, sem alteração de sentido, por

- a) has to.
- b) can.
- c) might.
- d) used to.
- e) ought to..

Resolução

* **must = precisamos, devemos**

* **ought to = deveríamos**

Resposta: **E**

37

Segundo o texto,

- a) há mais refugiados sírios no Líbano do que os quatro milhões na Jordânia.
- b) mais de 25% dos moradores do Líbano são refugiados.
- c) as fronteiras libanesas estão abertas aos sírios.
- d) há 4,27 milhões de refugiados sírios no Líbano.
- e) os refugiados podem se estabelecer no Líbano somente por quatro anos.

Resolução

Lê-se no texto:

“More than one in four people living in Lebanon is a refugee.”

Resposta: **B**

Leia o texto para responder às questões de 38 a 45.

Poverty may hinder kids' brain development, study says

Reduced gray matter, lower test scores reported for poor children

July 20, 2015



Poverty appears to affect the brain development of children, hampering the growth of gray matter and impairing their academic performance, researchers report. Poor children tend to have as much as 10 percent less gray matter in several areas of the brain associated with academic skills, according to a study published July 20 in JAMA Pediatrics. “We used to think of poverty as a ‘social’ issue, but what we are learning now is that it is a biomedical issue that is affecting brain growth,” said senior study author Seth Pollak, a professor of psychology, pediatrics, anthropology and neuroscience at the University of Wisconsin-Madison.

The results could have profound implications for the United States, where low-income students now represent the majority of kids in public schools, the study authors said in background information. Fifty-one percent of public school students came from low-income families in 2013.

Previous studies have shown that children living in poverty tend to perform poorly in school, the authors say. They have markedly lower test scores, and do not go as far in school as their well-off peers.

To see whether this is due to some physical effect that poverty might have on a child's brain, Pollak and his colleagues analyzed MRI scans of 389 typically developing kids aged 4 to 22, assessing the amount of gray matter in the whole brain as well as the frontal lobe, temporal lobe and hippocampus. “Gray matter contains most of the brain's neuronal cells,” Pollak said. “In other words, other parts of the brain – like white matter – carry information from one section of the brain to another. But the gray matter is where seeing and hearing, memory, emotions, speech, decision making and self-control occur.”

Children living below 150 percent of the federal poverty level – US\$ 36,375 for a family of four – had 3

percent to 4 percent less gray matter in important regions of their brain, compared to the norm, the authors found. Those in families living below the federal poverty level fared even worse, with 8 percent to 10 percent less gray matter in those same brain regions. The federal poverty level in 2015 is US\$ 24,250 for a family of four. These same kids scored an average of four to seven points lower on standardized tests, the researchers said.

The team estimated that as much as 20 percent of the gap in test scores could be explained by reduced brain development. A host of poverty-related issues likely contribute to developmental lags in children's brains, Pollak said. Low-income kids are less likely to get the type of stimulation from their parents and environment that helps the brain grow, he said. For example, they hear fewer new words, and have fewer opportunities to read or play games. Their brain development also can be affected by factors related to impoverishment, such as high stress levels, poor sleep, crowding and poor nutrition, Pollak said.

This study serves as a call to action, given what's already known about the effects of poverty on child development, said Dr. Joan Luby, a professor of child psychiatry at Washington University School of Medicine in St. Louis. "The thing that's really important about this study in the context of the broader literature is that there really is enough scientific evidence to take public health action at this point," said Luby, who wrote an editorial accompanying the study. "Poverty negatively affects brain development, and we also know that early interventions are powerfully effective," Luby said. "They are more effective than interventions later in life, and they also are cost-effective."

(www.nlm.nih.gov. Adaptado.)

Segundo o texto, a pesquisa publicada no periódico *JAMA Pediatrics* aponta que a pobreza

- a) causa deficiências nutricionais que, por sua vez, diminuem a quantidade de massa branca no cérebro.
- b) desequilibra a relação entre a massa cinzenta e a massa branca no cérebro das crianças.
- c) é uma questão biomédica que afeta o desenvolvimento cerebral infantil.
- d) impele os alunos de escolas particulares para as escolas públicas.
- e) é um problema eminentemente social que afeta sobremaneira as crianças.

Resolução

Lê-se no texto:

“We used to think of poverty as a ‘social’ issue, but what we are learning now is that it is a biomedical issue that is affecting brain growth,” said senior study author Seth Pollak (...)”

Resposta: C

Os estudos anteriores à pesquisa liderada pelo Dr. Seth Pollak evidenciam que

- a) os estudantes de famílias de baixa renda passam menos tempo no sistema educacional que os de famílias de renda superior.
- b) a maioria dos estudantes do sistema educacional público é oriunda de famílias de baixa renda.
- c) as escolas públicas dos Estados Unidos tentaram minimizar o impacto da pobreza sobre a educação.
- d) as escolas com grande número de alunos de famílias de baixa renda são mal avaliadas.
- e) o sistema educacional dos Estados Unidos deve atender melhor as crianças mais pobres.

Resolução

No texto, podemos ler:

“Previous studies have shown that children living in poverty tend to perform poorly in school, the authors say. They have markedly lower test scores, and do not go as far in school as their well-off peers.”

Resposta: A

- The objective of the study led by Dr. Seth Pollak was to
- a) compare the gray and the white matter in the brain in low-income children.
 - b) identify the role gray matter plays in cognitive development in school settings.
 - c) define the amount of gray matter a child should present to perform well in school.
 - d) research if the lower school performance could be attributed to poverty effects on children's brains.
 - e) assess the distribution and quantity of gray matter in the whole brain.

Resolução

O objetivo do estudo liderado pelo Doutor Seth Pollak foi pesquisar se a baixa performance escolar poderia ser atribuída aos efeitos da pobreza nos cérebros das crianças.

Resposta: **D**

No trecho do quarto parágrafo "To see whether this is **due to** some physical effect that poverty might have on a child's brain", a expressão em destaque introduz uma

- a) finalidade.
- b) causa.
- c) condição.
- d) reiteração.
- e) estimativa.

Resolução

* **due to** = devido a

A expressão em destaque introduz uma causa.

Resposta: **B**

Nos Estados Unidos, o valor de US\$ 36.375 refere-se

- a) ao salário mínimo anual em 2015.
- b) à renda familiar anual da maioria dos estudantes de baixa renda em escolas públicas.
- c) ao valor considerado necessário para a sobrevivência de uma família de quatro pessoas.
- d) ao valor do nível federal de pobreza anterior, que em 2015 foi reduzido para US\$ 24.250.
- e) a uma vez e meia o valor do nível federal de pobreza para uma família de quatro pessoas.

Resolução

Lê-se no texto:

“Children living below 150 percent of the federal poverty level – US\$ 36,375 for a family of four – had...”

Resposta: E

According to the information presented in the fifth and sixth paragraphs, one can say that

- a) children living below the federal poverty level shall display 3 to 4 percent less gray matter in their brain.
- b) standardized test scores should not be a measure to reflect brain development.
- c) the poorer the family, the lower a child is likely to score in standardized tests due to gray matter deficit.
- d) about 20 percent of school children display a low performance in test scores.
- e) the federal poverty level continued to go downward and more poor students have left school in 2015.

Resolução

De acordo com a informação apresentada nos parágrafos cinco e seis, pode-se dizer que quanto mais pobre a família, mais baixa a probabilidade de pontuar em provas padronizadas devido ao déficit de massa cinzenta.

Resposta: C

According to the information presented in the sixth paragraph, brain growth is likely to occur due to

- a) poor sleep.
- b) playing games.
- c) hearing fewer new words.
- d) crowding.
- e) high stress levels.

Resolução

De acordo com a informação presente no sexto parágrafo, o desenvolvimento do cérebro provavelmente ocorre devido a atividades lúdicas.

No texto:

“For example, they hear fewer new words, and have fewer opportunities to read or play games.”

Resposta: **B**

A Dra. Joan Luby afirma que

- a) há medidas de baixo custo que podem ser tomadas, mesmo na idade adulta, para minimizar o problema.
- b) o estudo deve continuar para aprofundar os dados científicos e sugerir quais ações devem ser implementadas em curto prazo.
- c) escreverá um editorial na próxima edição do periódico *JAMA Pediatrics* para avaliar o estudo e sua contribuição para a literatura médica.
- d) o tratamento do déficit de massa cinzenta no cérebro da criança deve ser iniciado logo que constatado.
- e) o estudo oferece bases científicas suficientes para que sejam tomadas medidas no âmbito da saúde pública.

Resolução

Lê-se no texto:

“The thing that’s really important about this study in the context of the broader literature is that there really is enough scientific evidence to take public health action at this point,” said Luby, who wrote an editorial accompanying the study.”

Resposta: **E**

Texto 1

Pela primeira vez em mais de 150 anos, brasileiros foram mortos por terem sido condenados à pena capital. A execução de Marco Archer, em janeiro, e a de Rodrigo Gularte, em abril, ambas na Indonésia, foram as primeiras de brasileiros no exterior.

Já no Brasil, a última execução de um homem livre condenado à morte pela Justiça Civil aconteceu em 1861. A pena de morte foi abolida no Brasil com a proclamação da República, em 1889. Desde então, ela vigorou como exceção em alguns momentos da história do país, como na ditadura militar, e atualmente é prevista apenas em situações de guerra.

(“País executou último homem livre em 1861”.
www.folha.uol.com.br, 03.05.2015. Adaptado.)

Texto 2

A ideia da pena de morte foi reintroduzida nos debates públicos no final dos anos 80 – durante o processo de redemocratização – quando o medo do crime, o crime violento e a violência policial começaram a aumentar. A pena de morte é frequentemente proposta como punição para os chamados crimes hediondos: latrocínio (roubo seguido de morte), estupro seguido de morte, sequestro seguido de morte e crimes envolvendo crueldade.

Um dos argumentos mais frequentes a favor da pena capital é que ela refletiria o “sentimento popular”. Esse argumento é substanciado com citações de pesquisas de opinião pública indicando que cerca de 70% da população é a favor da pena de morte¹. Alguns políticos argumentam que, no contexto de proliferação da violência e do fracasso do sistema judiciário, apenas uma medida extrema como a pena de morte poderia ser uma solução. Eles pensam na pena de morte mais em termos de vingança do que em termos da lei ou de eficiência para reduzir a criminalidade. Eles não dizem que a pena capital iria resolver o problema da violência em geral, e apenas uma minoria argumenta que ela impediria outros de cometer crimes semelhantes. No entanto, insistem que, como as pessoas que cometem crimes violentos são dominadas pelo mal e irredimíveis, executá-las significa evitar que cometam futuros crimes e, para citar sua própria retórica, “salvar vidas inocentes”.

(Teresa Caldeira. *Cidade de muros*, 2000. Adaptado.)

1 Esta era a porcentagem dos brasileiros que apoiavam a pena de morte no final da década de 1990, época da publicação do livro. Pesquisas recentes indicam que 43% dos brasileiros ainda apoiam a adoção da pena capital.

Texto 3

É importante examinar alguns dados de outros países sobre a pena de morte, um grande mito da discussão sobre controle da criminalidade no Brasil, frequentemente apresentado, de forma irresponsável, como panaceia¹ para os nossos problemas criminais:

- Nos Estados Unidos, país que desde 1976 reintroduziu a pena de morte para crimes letais, a taxa de homicídios por cem mil habitantes é duas a quatro vezes superior à registrada em países da Europa Ocidental, que não adotam essa pena;
- Os estados norte-americanos sem pena de morte têm taxas de homicídios mais baixas que os estados onde é aplicada a punição capital;
- O Canadá registrou uma taxa de 3,09 homicídios por cem mil habitantes em 1975, um ano antes da abolição da pena de morte naquele país. Em 1993 a mesma taxa foi de 2,19, ou seja, 27% menor que em 1975.

Só quem acredita em soluções mágicas e demagógicas pode enxergar na punição capital um instrumento na luta contra a criminalidade e a violência.

(Julita Lemgruber. “Controle da criminalidade: mitos e fatos”.
www.observatoriodeseguranca.org. Adaptado.)

1 panaceia: remédio contra todos os males.

Com base nos textos apresentados e em seus próprios conhecimentos, escreva uma dissertação, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

A adoção da pena de morte pode contribuir para a redução do número de crimes hediondos no Brasil?

Comentário à proposta de redação

A Unifesp perguntou: A adoção da pena de morte pode contribuir para a redução do número de crimes hediondos no Brasil? Ofereceram-se como base para reflexão três textos. O primeiro trazia notícia da execução de dois brasileiros na Indonésia, além de informar o ano em que teria sido legalmente abolida a pena de morte no Brasil. Já o segundo analisava os motivos pelos quais cerca de 70% da população seria favorável à pena de morte, segundo pesquisa realizada no final da década de 1990 – hoje seriam 43%. O último texto desmentia o mito segundo o qual a pena de morte representaria uma forma de “controle da criminalidade”, tomando os Estados Unidos e o Canadá como exemplos de países nos quais as taxas atuais de homicídio seriam mais baixas do que na época em que vigorava a pena capital.

Caso o candidato apostasse na aplicação da pena de morte como forma de reduzir crimes hediondos, que invariavelmente chocariam pela crueldade com que seriam praticados, caberia lembrar a descrença dos cidadãos na eficiência do sistema judiciário, que teria fracassado em inibir crimes violentos adotando o recurso do encarceramento. Outro aspecto que poderia ser considerado residiria na certeza de que pessoas capazes de cometer crimes dessa natureza seriam “dominadas pelo mal e irredimíveis”, não restando alternativa a não ser executá-las, a fim de “evitar que cometam futuros crimes” e “salvar vidas inocentes”.

Caso, porém, duvidasse da eficácia da pena capital, o candidato poderia observar que se fosse instituída no País uma espécie de adaptação da máxima “olho por olho, dente por dente”, o Estado se revelaria incoerente, uma vez que estaria combatendo violência com violência, o que poderia instigar ainda mais o ódio e a revolta dos cidadãos, que passariam a exigir não justiça, mas sim vingança contra os criminosos. Nesse cenário, os conceitos de civilidade e direitos humanos dariam espaço à grita pela execução sumária. O vestibulando poderia, caso julgasse conveniente, valer-se das estatísticas norte-americanas e canadenses para comprovar a tese de que não existiriam “soluções mágicas e demagógicas” para conter crimes cujas causas precisariam ser analisadas cuidadosamente. Outro argumento contra tal medida residiria nas evidentes falhas constatadas na investigação de crimes e seus respectivos autores, o que possivelmente levaria a justiça a condenar inocentes à morte.